

A lepra na literatura de ficção

Roseli Martins Tristão Maciel*

Jackeline Santos Carneiro**

Mellissa Gabriella Vaz Spinelli***

Resumo

O presente texto é resultado parcial de uma pesquisa realizada durante os anos de 2015 e 2016, cadastrada na PRP-UEG, que contou com o auxílio de duas alunas bolsistas pelo programa PIBIC/UEG. O objeto da investigação foram os estigmas, ou seja, a contaminação simbólica¹ da lepra abordados nas produções literárias de ficção da Idade Média, séculos XIX e XX, considerando os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais que integram o contexto no qual foram produzidas. O estudo é de natureza qualitativa, conforme a concepção de Minayo (2012), e se fundamenta teoricamente nas obras de S. Sontag (2002; 2007), Goffman (1988) e Williams (1979).

Palavras-chave: Lepra; Literatura; Ficção.

LEPROSY IN FICTION LITERATURE

Abstract

This text is a partial result of a research conducted in the years 2015 and 2016, registered in the PRP- UEG, which had the help of two scholarship students at PIBIC / UEG program. The object of the investigation were the stigmata, or the symbolic contamination addressed leprosy in literary fiction productions, from the Middle Ages to the present, considering the historical, political , social and cultural aspects that are part of the context in which they were produced. The study is qualitative, as the design of Minayo (2012), and theoretically based on the works of S. Sontag (2002; 2007); Goffman (1988) and Williams (1979).

Keywords: Leprosy; Literature; Fiction.

* Professora do curso de História do CCSEH/UEG; Mestre em História; Doutora em Políticas Públicas.

** Graduanda do curso de História; bolsista PIBIC/UEG.

*** Graduanda do curso de História; bolsista PIBIC/UEG.

¹ O termo foi adotado pela pesquisadora a partir das concepções desenvolvidas por S. Sontag (2002) em sua obra *A Doença como Metáfora*.

Introdução

O presente texto é resultado de uma pesquisa sobre os estigmas da lepra, e as metáforas construídas para designá-las, presentes nas narrativas literárias de ficção, ao longo da história, considerando os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais que integram o contexto no qual foram produzidas. Trata dos estigmas direcionados, tanto a esta enfermidade, quanto aos seus portadores e que foram divulgados através de diferentes recursos estilísticos característicos da arte literária. O objetivo que conduziu a investigação foi analisar as terminologias estigmatizantes atribuídas à lepra, no passado e no presente, tendo como fonte principal as obras literárias. A problemática, derivada deste objetivo, foi: quais terminologias foram atribuídas à lepra pela literatura de ficção através de diferentes épocas e culturas?

Utiliza-se, aqui, tanto a palavra lepra quanto hanseníase² e os derivados de ambas, pois, embora os vocábulos oficiais da doença e do doente no Brasil sejam, respectivamente, hanseníase e doente de hanseníase, de acordo com a Lei número 9.010, de 29 março de 1995, existe, na atual legislação federal sobre hanseníase, um documento que permite a utilização da terminologia lepra e seus derivados sob algumas circunstâncias. Trata-se da Portaria número 1.073/GM, de 26 de setembro de 2000, na qual está descrito que

sempre que se fizer necessário, visando à construção e reconstrução do conhecimento e devida compreensão do que é hanseníase, poderá ser feita sua relação com termos existentes na terminologia popular, adequando-a à clientela (BRASIL, MS, 2001a, p.37).

A natureza da pesquisa, que resultou neste trabalho, é qualitativa, o que, segundo Minayo (2012), é uma categoria de investigação social, cujo objetivo é compreender e esclarecer a dinâmica das relações sociais que são depositárias de valores e atitudes. Coerente com esta proposta metodológica adotou-se a análise de conteúdo, método de pesquisa utilizado para descrever e interpretar as mensagens de toda classe de documentos e textos que nos possibilitou visualizar as descrições sistemáticas qualitativas e auxiliou na interpretação das mensagens contidas nas narrativas. Destarte, a atingir uma compreensão de seus significados em um nível que foi além de uma leitura simplificada.

² O termo Hanseníase se tornou oficial no Brasil em 1995, a partir da lei nº 9.020, de 23 de março de 1995.

A escolha da metodologia se deu pelo fato de se tratar de uma pesquisa voltada para a arte, ou seja, uma produção cultural que retrata os valores sociais e, segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa é uma categoria de investigação social, cujo objetivo é compreender e esclarecer a dinâmica das relações sociais que são depositárias de valores e atitudes. Sendo assim, efetuamos uma análise e descrição dos aspectos e significados da lepra ou hanseníase na literatura a fim de compreender um pouco do mundo social dos escritores e dos enfermos dessa doença em diferentes épocas, desde a medieval até o século XX.

A pesquisa foi conduzida por meio da técnica de palavras chave em obras literárias sem preocupação de um recorte espacial e temporal, a fim de encontrar os termos designadores da lepra ou hanseníase, os quais fizessem referências a estigmas e preconceitos tanto a enfermidade, quanto aos seus portadores. A investigação foi realizada em obras impressas e portais literários da internet através de pesquisas eletrônicas, como o Google Acadêmico tendo como palavras-chave: literatura; hanseníase e lepra.

Após a etapa descrita, anteriormente, foi selecionada uma única obra literária produzida durante a Idade Média, sendo que as outras obras selecionadas datam dos séculos XIX e XX cujos conteúdos eram de interesse para a pesquisa. O critério utilizado para a seleção foi o de priorizar as narrativas literárias que abordassem a lepra de forma coerente ao contexto histórico em que foram produzidas. Em seguida, à seleção das obras, procedemos à análise de seus conteúdos de forma mais aprofundada.

A investigação se fundamentou em várias abordagens e estudos de autores diversos, dentre as quais tiveram destaque: a obra de S. Sontag (2002; 2007) cuja análise é a condição da doença e do doente como um contraponto estético na literatura. Sontag (2002) detectou que as doenças podem ser mascaradas e os doentes serem alvo de preconceitos em decorrência das metáforas construídas para designá-los, transformando algumas enfermidades em um contraponto estético na literatura.

Ao estabelecer comparação entre o câncer e a tuberculose, a análise de Sontag (2002) apontou para o fato de que a segunda enfermidade foi emblemática para a difusão do romantismo literário, o que fez com que seus aspectos biológicos característicos e negativos fossem metamorfoseados em elementos estéticos positivos que se cristalizaram e passaram a identificar todo um contexto histórico e artístico porque, segundo ela,

[...] Durante mais de cem anos, a tuberculose permaneceu como a forma preferida de dar sentido à morte – uma enfermidade sofisticada, edificante. A literatura do século XX está atulhada de descrições de mortes beatíficas, sem medo e quase sem sintomas, causadas pela tuberculose, sobretudo com pessoas jovens, como Evinha em *A Cabana do Pai Tomás*, e Paul, o filho de Dombey, em *Dombey and son*, e Smike em *Nicholas Nickeby*, em que Dickens se referiu à tuberculose como a “enfermidade medonha” que “depura” a morte [...] (SONTAG, 2007, p. 21.).

A partir dos estudos de Sontag (2007), foi possível perceber que a literatura mundial, ao longo dos séculos, através da divulgação de metáforas negativas, corroborou para difusão dos estigmas sobre a hanseníase e, portanto, para que as pessoas, por ela acometidas, os manipulassem. Chegamos a esta constatação ao observarmos que, ao contrário de outras doenças, na literatura mais difundida a hanseníase sempre foi temática adotada quando a questão estética tem como finalidade exacerbar o grotesco.

Uma vez que as metáforas criadas pela literatura para definir a lepra correspondem a construtos estigmatizantes, recorreremos à análise de Goffman (2000) sobre o estigma como um elemento, um traço subjetivo capaz de impor a um indivíduo um tipo de atenção que afasta, denigre e impede que outros atributos possíveis de atenção positiva sejam ignorados. Nas palavras do autor,

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 2000, p. 7).

A citação acima é bastante pertinente no que se refere à lepra, pois o estigma nada mais é do que a evidência de que uma pessoa tem atributos diferentes das demais, o que faz com que ela deixe de ser considerada criatura comum e total, reduzindo-lhe a condição de ser imperfeito e diminuto. Essa é a característica do estigma, segundo Goffman (1980), principalmente quando o efeito de descrédito lançado à pessoa é muito grande por constituir uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real. Assim,

[...] criamos um modelo social do indivíduo e, no processo de nossas vivências nem sempre é imperceptível à imagem social do indivíduo que criamos; essa imagem pode não corresponder à realidade, mas ao que Goffman denomina de uma identidade social virtual. Os atributos,

nomeados como identidade social real, são, de fato, o que pode demonstrar a que categorias o indivíduo pertence (MELO, 2005, p. 1).

Este é um trabalho que faz um diálogo entre história e literatura. Sendo assim, buscamos apoio teórico na abordagem de R. Williams, mais precisamente, em sua obra *Marxismo e Literatura* (1979), que contém as contribuições deste autor para uma teoria marxista da literatura. Além disso, a concepção de que a escrita “é uma prática histórica no processo material social” (p. 183) com a qual temos afinidades.

Na impossibilidade de apresentar os resultados alcançados na íntegra, mas desejando demonstrá-los, apresentaremos a seguir exemplos de vários contextos literários que detectamos através da pesquisa, isto é, da literatura: clássica, internacional, nacional e regional.

Lepra na literatura

A primeira obra de que tratamos é *Tristão e Isolda*, de Bédier (1995), datada do século XII, que recentemente foi adaptada para versão cinematográfica pelos estúdios de Hollywood. Em uma passagem chocante deste livro, a lepra é mencionada deixando transparecer a percepção que dela se tinha na Idade Média. Trata-se do momento em que o adultério de Isolda é descoberto e um grupo de leprosos solicita ao rei que a entregue para castigá-la e aplicar-lhe o “merecido” castigo sob o argumento de que será o pior que qualquer outro que lhe possa ser infligido. Assim é a fala do personagem leproso:

Senhor, dir-te-ei rapidamente o que penso. Vê, aqui tenho cem companheiros. Dá-nos Isolda e que ela nos pertença a todos! A doença excita-nos o desejo. Dá-a aos teus leprosos. Nunca uma dama terá tido pior fim. Vê, nossos farrapos estão colados às nossas chagas supurantes. Ela que junto a ti gozava os bons vinhos, as honrarias, a alegria, quando vir a corte dos seus leprosos, quando tiver de entrar nos nossos tugúrios e deitar-se conosco então Isolda a Bela, a Loura reconhecerá o seu pecado e terá saudades desta bela fogueira de espinhos (*apud* LE GOFF, 1984, p. 77).

O trecho acima apresenta a enfermidade hansênica e seus portadores envoltos nos estigmas do pecado e da impureza. Trata-se da ideia de pecado e castigo divino, atribuídos aos leprosos na Antiguidade, cuja origem encontra-se na religião judaica e presente no livro sagrado dos hebreus, a Torá. De acordo com Rotberg (1974), este documento religioso procura justificar, recorrendo ao transcendente, as “origens” e “causas”

da lepra, tanto quanto a necessidade de isolamento de seus portadores do restante da comunidade saudável. Esta percepção da lepra prevaleceu durante todo o período medieval, apesar do advento do cristianismo e de seu evangelho que tinha uma abordagem diferente a respeito da moléstia.

Os fundamentos religiosos do judaísmo permaneciam vivos, até mesmo na medicina medieval. Assim sendo, até mesmo a concepção resultada de relações consideradas ilícitas ou durante o período menstrual justificavam o ser leproso.

O homem é leproso *ab útero* ou depois do nascimento porque é engendrado durante as menstruações ou porque é filho de leproso, ou porque um leproso conheceu uma mulher grávida, e então a criança será leprosa, a lepra advém destas graves deficiências de geração. Depois do nascimento, devido a um ar malévolo ou pestilento ou devido à ingestão de alimentos suspeitos (...) ou por se ter estado com leprosos (BENIÁC *apud* LE GOFF, 1994, p. 132).

O dogma da religião judaica fez com que os leprosos fossem alvo de temor, não apenas em razão das mazelas biológicas próprias da moléstia, à época sem tratamento eficaz e sem possibilidades de cura, mas, principalmente, pelo medo das consequências que adviriam do “contato” com o pecador impuro, o que é bastante compreensível em uma sociedade onde a razão é submetida ao totalitarismo dos dogmas.

Apesar do judaísmo e cristianismo terem revestido a lepra de conotações religiosas negativas, é importante ressaltar que a representação da doença como castigo divino não foi uma invenção exclusiva das religiões de matriz judaica e cristã, conforme a interpretação de Diana O. Torres (2002). S. Sontag (2007) demonstra que no mundo grego antigo, muitas vezes, a doença foi retratada como instrumento da ira divina. A autora cita como exemplos a peste que Apolo, no Canto I da *Ilíada*, inflige aos aqueus em castigo por Agamêmnon ter raptado a filha de Crises; a peste que ataca Tebas, em *Édipo*, em razão da presença contagiosa do rei pecador ou a uma pessoa específica, a ferida no pé de Filoctetes (SONTAG, 2007, p. 39). Em outra passagem, esta autora afirma que

na *Ilíada* e na *Odisseia*, a doença ocorre como um castigo sobrenatural, como uma possessão demoníaca e como resultado de causas naturais. Para os gregos, a doença podia ser gratuita ou podia ser merecida (por causa de uma falta pessoal, de uma transgressão coletiva, ou de um crime cometido por um ancestral) (idem, p. 42).

Na sequência, apresentamos uma obra contemporânea que, entretanto, retrata a lepra no período medieval. O romance é de autoria da escritora polonesa Kossak-Szczucka cujo título original é *Krółtredowatu* (Rei Leproso) editada no ano de 1936, traduzido para o inglês como *The Leper King* e para o português como *O Santo Sepulcro*³. Trata-se de um romance histórico que narra a trajetória da conquista e da libertação de Jerusalém pelos cruzados, onde o principal personagem, o rei Balduíno IV, aparece acompanhando o exército nos campos de batalha. O romance narra as ações do rei, muito debilitado pela lepra, participando das batalhas amarrado à cela para não cair do cavalo, tal o grau de sua debilidade física.

É possível afirmar que essa obra tem como tema central, além de um personagem histórico, o rei Balduíno IV, também a lepra. Portanto, trata-se de um romance histórico, conforme a definição de Lukács:

[...] No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade (LUKÁCS, 2015, p. 60).

O romance de Kossak-Szczucka trata de um personagem que realmente existiu, o rei Balduíno IV, que era filho de nobres europeus da dinastia franca da Síria que nasceu em Jerusalém no ano de 1160 e foi coroado rei aos treze anos. Ele foi diagnosticado portador de lepra, ainda na primeira infância, entretanto, não foi exilado de acordo com o que era determinado pelas regras religiosas cristãs no período em questão. Balduíno lutou contra os muçulmanos, enfrentando o exército de Saladino e saindo vitorioso.

Nossa interpretação para o fato de Balduíno não ter sido isolado e destronado mesmo sendo leproso deve-se ao seu nascimento no Oriente, onde estas práticas não faziam parte dos dogmas islâmicos. A origem do comportamento muçulmano em relação aos leprosos não é conhecida, no entanto, considera-se, neste trabalho, que os muçulmanos podem ter herdado a postura de seus ancestrais, como pode ser exemplificado através da história bíblica de Naamã. Capitão dos exércitos da Síria, Naamã não era, portanto, de origem israelita. A Síria lutava contra o povo de Israel.

³KOSSAK-SZCZUCKA, Zofia. *O Santo Sepulcro*. Edição eBooksBrasil, 2008. Disponível em www.ebooksbrasil.org.

Naamã era considerado um grande líder e, por isso, era bastante respeitado pelo rei da Síria e, entretanto, ele era leproso. Ouvindo falar do profeta Eliseu na cidade de Samaria, que poderia curá-lo de sua lepra, Naamã dirigiu-se até ele. Para Eliseu, a lepra era o pecado e a cura dela seria o equivalente ao perdão. Assim, Eliseu mandou dizer a Naamã para se banhar no Rio Jordão que ficaria “purificado”. Naamã quis recompensar Eliseu dando-lhe dinheiro, que ele recusou. Porém, o seu criado Geazi pegou uma parte do dinheiro e Eliseu afirmou que a lepra de Naamã cairia sobre ele por esta razão, o que aconteceu, segundo a Bíblia (II REIS, 5:1-27).

Contraditoriamente, Balduino lutou como católico contra os muçulmanos, cuja influência cultural o impediu de ser levado a viver em um leprosário isolado de toda sociedade saudável, condição que não lhe teria sido permitida se tivesse nascido e vivido no Ocidente.

Em seguida, trataremos da lepra na literatura brasileira do século XIX, através de José de Alencar e sua crônica, *A Alma do Lázaro* (2011). É interessante como o autor preocupa-se em advertir o leitor “que tratará de um tema *árido*” que,

[...] não convidam ao riso, que tão excelente especiaria é para um livro de entreter. Bem longe disso, talvez que espremam dos corações mais ternos e sentimentais uns fios de lágrimas. Caso assim aconteça, será com bem pesar meu, pois sinceramente acho de mau-gosto (*sic*) lembrar-se alguém de produzir choros d´artificio (*sic*) a guisa de jogos de vista, quando não faltam motivos reais de tristeza [...] (ALENCAR, 2011, p. 19-20).

A advertência sinaliza para uma visão piedosa, porém, não é esta a mensagem que está contida no texto, isto é, a narrativa apresenta a doença e os doentes com as palavras que comumente eram utilizadas, no século XIX, para definí-los: horripilantes, medonhos, abjetos, dentre outras.

A história criada por Alencar é ambientada em Olinda da segunda metade do século XVIII e é narrada por um estudante e escritor sobre uma de suas sagas em busca de inspiração. Essa busca o levou às ruínas de uma igreja onde encontrou um pescador que lhe contou histórias de um leproso que viveu na região, e que ele conhecera quando criança. Conta da amizade que travou com o leproso escondendo de sua família e das pessoas da cidade que queriam que o jovem leproso fosse expulso dali.

O pescador disse ao estudante que em suas visitas ao doente levava-lhe mantimentos e sempre o encontrava escrevendo e envolvido com livros que guardava em uma caixa e a qual dizia ser a sua “alma”. Continuando sua narrativa diz que após vários dias de tempestades não pode levar os recursos de que seu amigo isolado necessita e o mesmo acabou morrendo, sendo enterrado na praia, pela população. A partir daí a criança sente a presença do fantasma do leproso e pressente que ele quer que seja enterrada sua caixa de livros, o que ele faz.

De posse dessas informações o estudante insiste com o pescador para que lhe mostre onde a caixa está enterrada, até que consegue seu intento. Entre os livros da caixa encontrava-se também um diário escrito pelo leproso morto.

A história, a partir daí, muda de narrador, isto é, o próprio autor do diário assume esta função e é como ele próprio estivesse contando para o estudante a sua vida. A ficção de Alencar nos coloca em contato com a narrativa de um leproso já falecido sobre sua vida e doença, como pode ser visto na seguinte passagem:

Estou só no mundo. Minha mãe morreu... Pobre mãe!... Antes assim! Devias sofrer muito a ver teu filho asco e horror da gente... Mas por que me deixaste neste vale de lágrimas? Minha alma morreu contigo. Vivem as úlceras que devoram estes restos de corpo, sobejo da enfermidade terrível! Sem ti, que me consolavas, que sofrias comigo da minha angústia, que vai ser de mim neste exílio?... (ALENCAR, 2011, p. 35).

O personagem, o leproso, levava uma vida trágica, pessimista e solitária em decorrência do medo dos preconceitos de que era vítima. A narrativa retrata todo o horror que a hanseníase e seus portadores causavam, bem como os estigmas de que eram investidos, como pode ser ilustrado pelo seguinte trecho: [...] Quando passava, apontavam-me de longe. Murmuravam meu nome. Realmente, o Lázaro não é mais um homem. Foi concebido pela mulher, mas foi a praga que o abortou. No terror que infunde é fera, no asco que excita é verme! (idem, p. 42-43).

Na obra de Alencar (2011), é possível ver os elementos presentes na trajetória histórica do drama da vida asilar imposto pela doença aos portadores da lepra. Em outras palavras, está descrito como o medo milenar do contágio, fortalecido pelos estigmas, acarretou um impacto subjetivo, porém, tão profundo na vida das várias sociedades humanas a ponto de resistir aos séculos e às mudanças de pensamento.

A percepção da lepra na arte complexa de Willian Faulkner (2010) ocorre em *O som e a fúria*, onde os seus estigmas aparecem acrescidos de outros derivados do racismo. A parte mais emblemática, nesse sentido, é um trecho narrado por Jason, que, conforme os críticos é o mais odioso dentre os quatro personagens criados por Faulkner para serem os narradores da obra. Sua fala é a seguinte:

[...] Assim, logo que cheguei em casa dei um jeito em Dilsey. Disse a Dilsey que ela estava com lepra e peguei a bíblia e li aquele trecho em que diz que a carne do homem caía de podre e disse que se ela olhasse para ela ou para Ben ou Quentin eles iam pegar também[...] (FAULKNER, 2010, p. 117).

Na passagem acima, há referências diretas ao conteúdo dos capítulos 13 e 14 do Levítico, os quais descrevem a lepra e suas características físicas bem como a condição de pecador de quem a contrai. Outrossim, revela a percepção da lepra a partir dos efeitos da doença no corpo físico e apresenta todas as características mais marcantes e aterrorizantes da patologia, isto é, o apodrecimento e conseqüente perda de membros, bem como o perigo de contágio.

Aos estigmas da lepra somam-se o racismo, pois o personagem em questão – Jason – dirigiu essa sua fala para um dos criados da família – Dilsey – que era negro. Em alguns trechos mais adiante essa situação fica mais clara:

[...] Aí, eu obriguei Dilsey a se abrir, depois contei para a mãe. Tivemos que levá-la para a cama, e depois que as coisas se acalmaram um pouco fui ameaçar Dilsey. Quer dizer, até onde é possível fazer isso com um negro. Esse é o problema dos criados negros, quando eles estão há muito tempo com a gente eles ficam tão metidos a besta que não prestam mais como criados. Aham que mandam na família toda [...] (FAULKNER, 2010, p. 117).

A lepra e a condição de ser negro se constituem, na obra, como símbolos ultrajantes e marginalizantes, em especial por se externarem de maneira objetiva no corpo.

Para concluir, podemos afirmar que a obra de Willian Faulkner espelha de forma significativa todo o peso do estigma carregado pelos leprosos e, ainda, que o mesmo pode ser duplicado quando elementos racistas são adicionados ao contexto.

No romance de Oscar Wilde o belo personagem protagonista, Dorian Gray, encantado com sua pintura a contempla embevecido até que constata que o quadro se metamorfoseia lentamente, revelando a figura monstruosa e abjeta que ele era na

realidade. Na obra a lepra é escolhida como metáfora para a degeneração moral do personagem, o que pode ser ilustrado pela seguinte passagem: “Por alguma estranha aceleração da vida interior, as lepras do pecado devoravam a coisa lentamente. O apodrecer de um cadáver em uma cova cheia de água não era tão amedrontador” (WILDE, 2012, p. 111).

Aqui, temos novamente a percepção da lepra como castigo e pecado, tal qual aparecem nas religiões de matrizes judaicas. A afirmação pode ser corroborada pelo diálogo entre os personagens Basil, o pintor e Dorian, quando o primeiro, finalmente, descobre a proporção que a sua obra tomou, olhando para o retrato todo desfigurado como que espelhando a alma leprosa de Dorian. A metáfora escolhida por Wilde para ressaltar todo o caráter físico de Dorian, visível no quadro, lepra.

É possível perceber, também, a ideia de castigo e pecado, bem como de contágio, advindas da percepção religiosa que se tinha da lepra na fala do artista, o pintor, para Dorian Gray,

“Reze, Dorian, reze”, ele murmurou. “O que é que nos ensinaram a dizer na adolescência? ‘Não nos deixei cair em tentação. Perdoe nossos pecados. Limpe nossas injustiças’. Vamos dizer isso juntos. A oração de nosso orgulho foi atendida. A oração de nosso arrependimento também será. Eu o cultuei demais. Sou punido por isso. Você se cultuou demais. Somos ambos punidos (WILDE, 2012, p. 111).

A representação literária que Wilde faz da lepra, através dos personagens, traz à tona o fenômeno de demonização simbólica da doença e de todo o preconceito que se forma ao seu redor que teve início, como já foi dito anteriormente, com sua descrição na Bíblia. É interessante ressaltar que a utilização da lepra no contexto da obra evidencia toda a aura de terror e repulsa que cerca essa patologia e que ultrapassa a questão meramente física e atinge um patamar moral. Isto é, a ideia de que alguém acometido por uma doença tida como pecado, além do fato de ser incurável, provoca inevitavelmente a sensação de uma transgressão.

O romance *Um caso liquidado*, de Graham Greene (1969), é ambientado nos arredores de Londres e tem como um dos principais personagens o arquiteto Querry, que, para fugir da fama e por ter sido abandonado pela amada, buscou refúgio em um leprosário perto de Luc, na África Central.

Na época em que Query chega e conhece o leprosário a lepra já era doença curável. Entretanto, Dr. Colin, o médico responsável pela instituição, o informa que, apesar da descoberta da cura para a doença física, ainda era preciso se preocupar com o fato dela continuar sendo um problema psicológico (GREENE, 1969). A razão estava na discriminação que sofriam, uma vez que isso afetava diretamente o emocional dos doentes, que, além dos sofrimentos físicos e sintomáticos da doença, tinham que enfrentar a rejeição e o preconceito de toda a sociedade.

A obra de Greene expressa uma doença profundamente estigmatizante, a lepra, no momento em que ela passa a ser curável e que no Brasil ganha outro nome “politicamente correto”, qual seja, hanseníase. A mera necessidade de um termo mais científico, já expressa à carga metafórica de que está imbuída a própria palavra “lepra”.

A obra apresenta uma realidade compartilhada por todos os leprosários, a falta de médicos e enfermeiros especialistas na área para atender os leprosos, fez com que os padres e freiras se ocupassem dessa função. Evidencia, também, os leprosos abandonados, e como era precário o atendimento que recebiam, quando a doença evoluía os “enfermeiros” apenas faziam o tratamento básico. Por causa do sofrimento dos doentes e das dificuldades de condições de trabalho, por falta de medicamentos, de benefícios por parte do Estado e pela situação na qual os leprosos viviam, por causa dos problemas citados, os “enfermeiros” se juntavam aos doentes e se tornavam como eles.

Outra questão ressaltada na obra é o abandono desses doentes pelo Estado, assim como o médico, os padres e as freiras que improvisavam as coisas no cotidiano. Como não havia um hospital devidamente estruturado, isso dificultava mais ainda o trabalho, porque não existia enfermaria e os pacientes traziam seus colchões imundos e sujos para o hospital. A falta de salas fazia com que o médico improvisasse um pequeno lugar para atender a todos.

O marcante nessa obra de Graham Greene é a maneira como ele retrata os leprosos que por estarem há muito tempo na ilha se afeiçoavam às suas cabanas e aos seus pedaços de terra e relutavam em deixá-lo porque não tinham perspectiva de viver em outro lugar, não tinham mais recursos e, por isso, Greene chama-os de “casos liquidados”, já que estavam mutilados e a única coisa que lhes restava era ficar esperando a morte.

Outra obra literária produzida no século XX, onde podem ser percebidos os estigmas da lepra é o conto “A Morfética”, do escritor goiano Bernardo Élis. Será apresentado aqui sob a análise empreendida pelo historiador Ítalo Tronca. O autor enfatiza o quanto este conto demonstra uma face vingadora do leproso, como se este precisasse atacar os sãos pelo mal que o acometeu.

Segundo Tronca (2004), a história é narrada por uma pessoa que se viu sozinha nos ermos dos sertões de Goiás após o caminhão em que viajava ter estragado e o motorista se retirado para buscar ajuda. Ao avistar um rancho, estando ele com fome, frio e sede, resolveu abandonar o veículo e ir até lá. O rancho estava vazio, mas com mesa posta com várias e apetitosas iguarias. Ele resolve servir-se e logo após descansa numa rede e entrega-se a devaneios sensuais, acreditando que entraria pelo lugar uma mulher linda, virgem e sensual que se despiria e se ofereceria para ele. Entrementes, ele acordou pela força de braços que o seguravam com raiva e,

[...] bocas fedorentas me mordiam as pernas, o rosto, os braços. Na luta, agarrei fortemente um rosto. Pelo tato, senti que corria dele um pus grosso que me sujou a mão: – será que é baba?

Notei mais que o rosto não tinha nariz e estava cheio de calombos e poronós.

Minha vista se acomodou ao escuro e pude divisar vultos que se moviam; tentavam segurar-me e os seus braços se agitavam em gestos trôpegos, fantásticos. Tentei abrir a porta do rancho; felizmente cedeu. Então me lembrou a lanterna elétrica do boso: foquei os vultos.

Eis o que vi: quatro espectros vestidos de xadrez, apalermados ante a luz forte. Tinham as faces encaroçadas, as orelhas inchadas, tumefactas, uns tocos de dedos retorcidos e engelhados, o crânio pelado e purulento. Principiaram a conversa entre si. A voz saía fanhosa, fina, soprada pelo nariz. Uma voz nojenta, leprosa [...] TRONCA, 2004, p. 8).

Segundo Tronca,

[...] o escritor regionalista Bernardo Élis, no conto *A Morfética*, cria um enredo em que os recursos estéticos na clave do grotesco mascaram o sentimento de humilhação, num contraponto entre a doença e a sexualidade feminina como núcleo dramático. [...] Nessa narrativa, os excessos estilísticos, carregados de grotesco e de repulsivo, disfarçam, talvez, o inexpresso, o que está sendo dito nas entrelinhas. Ou seja, a humilhação feminina [as personagens doentes são mulheres] escamoteadas através da sexualidade exacerbada pela doença (idem, 2004, p. 7-8).

Aí temos outro aspecto estigmatizante da hanseníase, ou seja, sua relação com o pecado original, concepção introduzida pela religião judaica e que está diretamente

relacionada à ideia de castigo divino. O conto de Élis serve de exemplo para demonstrar o quanto essas percepções sobreviveram ao tempo e são parte de um passado histórico bem recente, senão atual, uma vez que o conto foi escrito no século XX, por um escritor cuja influência literária está pautada nos princípios modernistas.

Em outra obra, *As máscaras do medo*, Ítalo Tronca analisa algumas obras literárias cuja temática é a lepra. Dentre elas, *Havaí*, do escritor norte-americano James Michener, *um best seller* da década de 1950 que retrata a situação da ilha de Molokai, local para onde eram levados os leprosos, não apenas da Ásia mas de outros continentes.

Tronca também analisa a obra de um escritor socialista norte-americano, J. London. Trata-se de um conto denominado *Koolau*, que retrata o mesmo panorama descrito por Michener, mas a partir de uma visão de denúncia.

As passagens acima nos fizeram perceber a situação da hanseníase como um contraponto estético na literatura, conforme analisa S. Sontag (2007) em sua comparação entre o câncer e a tuberculose. Esta autora aponta para o fato de que a segunda enfermidade foi emblemática para a difusão do romantismo literário, o que fez com que seus aspectos biológicos característicos e negativos fossem metamorfoseados em elementos estéticos positivos que se cristalizaram e passaram a identificar todo um contexto histórico e artístico.

As obras analisadas trouxeram muitas evidências de todo o peso que os estigmas da lepra agrega aos seus portadores, sejam do presente ou dos séculos passados, uma vez que, conforme a interpretação de dois estudiosos desta enfermidade,

[...] no contexto da hanseníase, o estigma se refere ao descrédito, à qualificação e à marginalização social em função das deformidades físicas do paciente. Uma vez que um indivíduo é estereotipado com tal rótulo social, que significa impor-lhe uma marca que, de um certo modo, o reduz a uma condição inferior ao padrão mínimo atribuído à condição humana, restaria a ele duas possibilidades: ou se adequar ao papel marginal a ele designado, ou tentar “encobrir” as marcas que caracterizam o estereótipo estigmatizante (QUEIROZ E CARRASCO, 1995, p. 8).

Conclusão

Nosso estudo nos conduziu a várias constatações que corroboram com a interpretação de Sontag, descrita acima. Uma delas, que queremos ressaltar aqui, é o fato

de que a literatura mundial, ao longo dos séculos, corroborou a difusão dos estigmas sobre a hanseníase e, portanto, para que as pessoas, por ela acometidas, os manipulassem. Chegamos a esta constatação ao observarmos que, ao contrário de outras doenças, na literatura mais difundida a hanseníase sempre foi temática adotada quando a questão estética tem como finalidade exacerbar o grotesco.

A análise das obras literárias selecionadas pela investigação trouxe evidências de contos e enredos permeados de dramas da vida dos leprosos e de diferentes formas, pelas quais, esta doença se insere no processo de representação social, gerando estigmas de todo tipo. Isto está de acordo com uma das características da literatura romântica, pois, conforme Williams (1979, p. 180), o “romance é uma obra de imaginação criativa que obrigatoriamente tem como matéria os ‘indivíduos’ e suas realizações”.

Verificamos que os séculos de estigmatização e isolamento social dos leprosos acabaram por fixar determinados procedimentos e introjetar certos conceitos que chegaram até o presente século influenciando a postura da coletividade frente a doença e tudo isso aparece nas obras literárias que analisamos. Portanto, consideramos que as noções de dominante, residual e emergente propostas por R. Williams podem ser operacionalizadas como categorias analíticas dos elementos culturais retratados nas obras analisadas. Pois como aponta o autor “o residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está vivo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como elemento efetivo do presente” (WILLIAMS, 1979, p. 125).

A lepra é uma doença carregada de significação e, conforme Sontag, nada é mais punitivo do que dar um significado à doença. Indiscutivelmente, esse significado tem um sentido moral. Toda enfermidade que cause deformidades, degenerações físicas e seja contagiosa costuma ser percebida como punição e, portanto, é carregada de significados.

Sendo assim, os sintomas e manifestações físicas identificam-se diretamente com a doença e geram um profundo terror. Assim sendo, a doença em si torna-se uma metáfora que passa a ser utilizada para outras coisas aterrorizantes.

Constatamos que a lepra aparece como tema de muitos romances históricos dos séculos XIX e XX tais como: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880); *Moby Dick*, de Herman Melville (1819-1891); *A conspiração Franciscana*, de John Sack (1930-2004); *O comitê da morte*, de Noah Gordon (1926); *A ilha de Victória*, de Hislop (1959); *O médico dos*

leprosos, de René Charvin; *Nós, os leprosos*, de Steven Debroey (1994); *Koolau, o leproso*, de Jack London (2013); *De moto pela América do Sul* (Diário de Viagem), de Ernesto Che Guevara (2011). Estas obras não puderam ser analisadas aqui por questão de espaço, mas podemos afirmar que a lepra ter sido escolhida como tema de romance por diversos autores de várias épocas e nacionalidades corresponde ao que G. Lukács (2015) considera a respeito da literatura, isto é, “espelhamento da vida”.

A aproximação entre história e literatura, no caso deste estudo, tem como finalidade divulgar uma das dimensões não biológicas da lepra que é, entretanto, responsável pelo aumento da carga de sofrimento dos sujeitos que são acometidos por ela. Assim, acreditamos que as representações da lepra na literatura elucidam o fato de que a realidade simbólica das doenças são dimensões vitais que extrapolam o organismo biológico daqueles que a contraem.

Referências

ALENCAR, José de. *A alma do Lázaro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

BÉRDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria nº 1.943, de 18 de outubro de 2001. Define a relação de doenças de notificação compulsória para todo o território nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 24 de outubro 2001. Seção 1, p. 36, 2001.

_____. Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, 30 de março de 1995. Seção 1, p. 4509. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-9010-29-marco-1995-348623-normapl.html>.

FAULKNER, Willian. *O som e a fúria*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Disponível em: <http://lelivros.website/book/baixar-livro-o-som-e-a-furia-william-faulkner-em-pdf-epub-e-mobi/>, 20/03/16 10:48

GOFFMAN, Erving. *Estigmas – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LE Goff, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Imprensa Universitária, 1984.

GRENE, Graham. *Um caso liquidado*. Tradução: Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

KOSSAK-SZCZUCKA, Zofia. *O Santo Sepulcro*. Edição eBooksBrasil, 2008. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org>.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. "O desafio da pesquisa". In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.); DESLANDE, Suely Ferreira e GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

QUEIROZ, Marcos de S.; CARRASCO, Maria Angélica P. "O doente da hanseníase em Campinas: uma perspectiva antropológica". **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 11, nº 3, p. 479-490, jul/set. 1995.

ROTBORG, Abrahão. "O complexo "lepra: pejorativo e endemia", grave problema médico-social na América Latina". **Anais Brasileiro de Dermatologia**. Rio de Janeiro, v. 50, nº 1, p. 87-89, jan/mar. 1974.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. *Doença como metáfora: a AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TORRES, Diana Obregón. *Batalhas contra la lepra: Estado, medicina y ciência en Colombia*. Medellín-Colômbia: Banco de la República/Fondo Editorial Universida EAFIT, 2002.

TRONCA, Ítalo. *As máscaras do medo: lepra e AIDS*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2000.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução: Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2012. Disponível em: <http://lelivros.website/book/download-o-retrato-de-dorian-gray-oscar-wilde-em-epub-mobi-e-pdf/>.